**FORMAS NATURAIS NA GÊNESES CRIATIVAS E CRIADORAS DAS JOIAS**

Vieira, Gina Rocha Reis; Mestra; Universidade Federal da Bahia (UFBA), gicarr@gmail.com[[1]](#footnote-1)

**RESUMO**

A proposta é refletir a polarização entre abstração[[2]](#footnote-2) e natureza[[3]](#footnote-3) nos debates históricos enérgicos sobre ornamento, sobretudo, a partir do final do século XIX, quando se questionava, no processo criativo ornamental, a exploração das formas naturais, a escolha dos materiais, o tipo de trabalho envolvido na sua realização, a estrutura que os recebe e a partir da qual se apresentam. O estudo se apoia nas compreensões apresentadas por Gilberto Paim, em *A beleza sob suspeita* (2000); E. H. Gombrich, em *O sentido da ordem: um estudo sobre a psicologia da arte decorativa* (2012); e nos pensamentos de Luigi Pareyson, em sua *Teoria da Formatividade* (1993). Realça-se, em acordo com Paim (2000), a significância do ornamento a partir dos movimentos modernos, que envolvem uma agitação da arte e de grandes mudanças no mundo. Observa-se que, até os dias de hoje, o modernismo tem sido insistentemente caracterizado pela rejeição ao ornamento e persiste influenciando de modo transversal e obscuro os valores contemporâneos. Como aponta E. H. Gombrich (2012) ao falar sobre os padrões da natureza, há uma tendência humana em um sentido de ordem como marca de uma mente ordenadora que provoca reações como admiração sempre que são percebidos equilíbrio, continuidade na natureza. Procura-se, assim, sublinhar a miscelânia aleatória natural como um dos principais impulsos criativos - ainda que tais analogias entre natureza e cultura sejam, em muitos momentos, depreciadas, principalmente, nos estudos sobre o ornamento. Mesmo os ornamentos mais subjetivos, aéreos podem ter uma relação íntima com a natureza. As formas naturais estão, decerto, entre as referências frequentes nas concepções criativas, sobretudo no design de joias. Cabe marcar ainda, nas investidas compreensivas sobre ornamento, joia (adorno) e decoração, que as configurações perceptivas independem das referências ao mundo natural e/ou a um mundo que o próprio homem construiu e constrói para si mesmo. Em alguns momentos, os *insights*, os intentos e o êxito criativo (PAREYSON, 1993) podem não ser apreendidos de uma forma literal na obra, pois comportam um repertório mais amplo daquele que a faz. Envolvem todas as experiências acessadas pelo sujeito a partir da presença e do contato com o meio sociocultural a sua volta. A partir dessas apreensões, a sugestão é entender o ornamento como tema que resulta de um movimento perceptivo que, normalmente, se inclina a uma inevitável constância com fins à expressividade estética; estando essencialmente entrelaçado e aderente às artes, à decoração, à arquitetura e ao processo criativo das joias. Configura-se em padrões e representações, ligados ao mundo natural e/ou por encadeamentos históricos, socioculturais, afetivos, constituídos por repertórios mutáveis. Para ilustrar a proposta, o estudo apresenta um caminho reflexivo a partir do ornamento *folha de acanto*, uma das marcas registradas da arte decorativa da Antiguidade, e culmina no *design ornamental* e *design decorativo* das joalherias moderna e contemporânea que se encontram em trabalhos realizados por marcas internacionais de *alta joalheria* (Boucheron e HStern) e *joias folheadas* (Rommanel).

**Palavras-chave**: Ornamento; natureza; design de joias.

1. Doutoranda no Programa Multidisciplinar de Pós-graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal da Bahia (UFBA); Mestra em Cultura e Sociedade pelo Programa Multidisciplinar de Pós-graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal da Bahia; e pesquisadora do Grupo Corpo e Cultura (UFBA e UFRB), cadastrado no CNPQ. [↑](#footnote-ref-1)
2. A partir da filosofia, a ideia de abstração vista como uma operação intelectual e espiritual em que o objeto refletido é isolado de fatores que geralmente estão relacionados na realidade. [↑](#footnote-ref-2)
3. Mundo físico, especialmente aquele em que o ser humano habita e que existe sem sua intervenção. Conjunto de elementos (mares, montanhas etc.) que constituem o mundo natural. [↑](#footnote-ref-3)